



OS JOVENS E A CIDADE: PRÁTICAS ESPACIAIS, REDES DE SOCIABILIDADE E CONSTITUIÇÃO DE TERRITORIALIDADES

THE YOUNG AND THE CITY: THE SPATIAL PRACTICES OF SOCIAL NETWORKS AND THE CREATION OF TERRITORIALITY

Flávia Maria de Assis Paula

Doutora em Geografia

Professora da Universidade Estadual de Goiás– UEG

Rua Parnaíba Qd. G-06 Lt. 09, Alhambra Flamboyant, CEP: 74.883-005 Goiânia-Goiás

Email: flaviemapaula@gmail.com

Lucineide Mendes Pires

Doutora em Geografia

Professora da Universidade Estadual de Goiás – UEG/ Campus Morrinhos

Rua 14, 625, Jardim América, CEP: 75650-000 Morrinhos-Goiás

Email: lucineide@ueg.br

Resumo: Este texto se propõe a discutir as representações que os jovens constroem sobre sua cidade, assim como as formas de uso e apropriação, as redes de sociabilidade e as territorializações decorrentes das práticas espaciais por eles exercidas no espaço urbano em que estão inseridos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativo-descritiva, utilizando-se um questionário semiaberto, elaborado com onze questões, que giraram em torno de três dimensões ou categorias interpretativas: representações, práticas espaciais e territorialidades. Esse instrumento foi aplicado a 141 alunos-jovens, com idade entre 15 e 24 anos, regularmente matriculados nos cursos de graduação em nível superior, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Morrinhos, e que tiveram interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Com esse propósito, o texto está dividido em duas partes: a primeira busca apresentar uma discussão geográfica acerca da cidade, das práticas espaciais e das territorialidades juvenis; a segunda parte, apresenta o perfil dos sujeitos da pesquisa, alguns aspectos relativos às práticas espaciais exercidas por eles na cidade, suas redes de sociabilidade e territorialidades constituídas, relacionando-os, ainda, ao uso de seu tempo livre. Nessa mesma seção são apresentadas, também, as significações atribuídas pelos jovens às cidades onde moram, bem como algumas considerações sobre a imagem – real e imaginária – construída por eles sobre essas cidades.

Palavras-chave: Jovens. Práticas espaciais. Redes de sociabilidade. Territorialidades.

Abstract: This paper aims to discuss the representations that young people construct about their city, as well as how to use and ownership, networks of sociability and territorializations arising from spatial practices on urban space in which they are inserted. To this end, we carried out a qualitative-descriptive research, using a semi-

open questionnaire prepared with eleven questions, which revolved around three dimensions or interpretive categories: representations, spatial practices and territoriality. This instrument was administered to 141 students-young people, aged between 15 and 24 years, enrolled in undergraduate courses at the college level, the State University of Goiás (UEG), Campus Morrinhos, and had interest and willingness to participate in research. For this purpose, the text is divided into two parts: the first aims to present a geographical discussion about the city, the spatial practices of youth and territoriality; the second part presents the profile of the study subjects, some aspects related to space activities carried out by them in the city, their social networks and established territoriality, relating them also to the use of your free time. In this same section are also presented the meanings assigned by the youth to the cities where they live, as well as some considerations about the image - real and imaginary - built by them about these cities.

Keywords: Young. Spatial practices. Social networks. Territorialities.

Cidade, práticas espaciais e territorialidades juvenis: uma leitura geográfica

A cidade pode ser entendida como obra e produto das relações sociais, que são construídas e materializadas no espaço urbano. Tais relações, no entanto, denotam a complexidade da cidade, fruto dos vários processos que nela se instauram e que, por sua vez, resulta do fato de que também são distintos os sujeitos e agentes sociais que a produzem. Segundo Turra Neto (2008), os sujeitos, em suas trajetórias, traçam espacialidades, produzem conexões, formam redes de sociabilidade, desenham trajetos e fundam territórios.

Para Carlos (2004), na produção social da cidade há um embate entre a reprodução do espaço, que tende a se concretizar segundo os interesses do capital e do Estado, e a reprodução da vida, entendida como o conjunto da sociedade que objetiva a construção do humano. Esse embate acaba por criar novas relações sociais que são produzidas ou produzem um novo cotidiano.

Cavalcanti (2007), ao discorrer sobre a relação entre cidade e vida cotidiana, destaca que a cidade é um lugar complexo, de produção social, de vida pública e coletiva. Logo, é um espaço “de contato, de resistência e de exclusão, em que há manifestação de diferentes percepções, usos, culturas e aspirações de distintos grupos, em seus espaços públicos e privados” (p. 25). Entendida sob esta perspectiva, a cidade pode, portanto, ser pensada como um território ou como territórios, territorialidades.

Esses processos são, na verdade, resultado da complexidade e multiplicidade de práticas espaciais dos sujeitos e agentes sociais que produzem a cidade. Segundo Raffestin (1993), ao se identificarem com algum espaço urbano, determinados grupos

sociais se apropriam dele, concreta ou abstratamente, produzindo lugares específicos para tipos específicos de convivência, tornando-o cada vez mais fragmentado.

Nesse raciocínio, Cassab (2010) acrescenta que as experiências cotidianas de sujeitos desiguais tidas com o espaço urbano – os quais disputam o seu uso e apropriação, confrontando-se pelos seus direitos – criam mecanismos fortemente marcados por processos de distinções, desigualdades e diferenciações no uso e apropriação da cidade.

Dentre esses sujeitos, destacam-se os jovens. São sujeitos sociais que, como tais, constroem um modo de ser jovem, ou seja, constroem a sua condição juvenil de acordo com os espaços, tempos e contextos em que vivem. Para Dayrell (2007), a condição juvenil refere-se ao modo como a sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos parâmetros referidos às diferenças sociais – classe, tempo livre, gênero, etnia etc.

Dayrell (2001, p. 147) afirma que os jovens “se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade [...]”. Em outras palavras, os jovens são produtores do espaço urbano. Essa produção se dá, no entanto, pela projeção concreta desses sujeitos no espaço urbano, por meio da materialização de suas práticas espaciais cotidianas – que são ações espaciais rotineiras próprias dos jovens, marcadas por representações, símbolos, interesses, relações sociais e culturais –, exercidas na cidade em que vivem. Cidade essa que, cada vez mais, se apresenta fragmentada, porque disputada por diversas lógicas de uso, e permeada por espaços de vivência restritos que simulam a apropriação e são o resultado das territorialidades desses jovens.

Desse modo, é impossível compreender a produção do espaço urbano e da cidade na qual vivem os jovens sem conhecer esses sujeitos, suas práticas espaciais, suas redes de sociabilidade e suas territorialidades.

O uso do tempo livre dos jovens: constituição de sociabilidades e territorialidades nos espaços da cidade

Dos sujeitos que participaram da pesquisa, 105 (74,5%) são do sexo feminino e 36 (25,5%) do sexo masculino, totalizando 141 jovens, dos quais 56,7% estão na faixa etária compreendida entre 18 e 20 anos, e 91,5% são solteiros (Tabela 1). A

grande maioria desses sujeitos é de trabalhadores que estudam no período noturno, exceto os jovens (23,4%) que cursam Ciências Biológicas no diurno.

No que diz respeito à localização desses jovens, a maioria mora na cidade de Morrinhos (48,2%), conforme pode ser visto na Tabela 2. A grande concentração dos entrevistados nessa cidade pode ser explicada pelo fato de ser ela a sede da UEG e também por ser a cidade polo da região na qual se localiza.

Tabela 1- Faixa etária dos jovens do interior de Goiás (2012)

Idade	Frequência	%
Não informado	4	2,8
15	-	-
16	-	-
17	14	9,9
18	26	18,4
19	28	19,9
20	26	18,4
21	18	12,8
22	15	10,6
23	3	2,1
24	7	5,0
Total	141	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Tabela 2 - Cidades onde moram os jovens do interior de Goiás (2012)

Cidades	Frequência	%
Prof. Jamil	1	0,7
Rochedo	1	0,7
Maripotaba	1	0,7
Goiatuba	3	2,1
Rio Quente	3	2,1
Cromínia	4	2,8
Edealina	4	2,8
Água Limpa	5	3,5
Buriti Alegre	5	3,5
Pontalina	14	9,9
Caldas Novas	15	10,6
Piracanjuba	17	12,1
Morrinhos	68	48,2
Total	141	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Convém considerar que cada uma das cidades de origem dos jovens possui condicionantes, características e singularidades/particularidades que as tornam bastante similares, mas não iguais. Assim, ao se buscar compreender as representações dos jovens sobre sua cidade de origem, algumas visões foram expressas: a primeira está associada à imagem de uma cidade com poucas oportunidades de emprego, estudo e lazer; a segunda reflete a imagem de uma cidade desprovida de uma melhor infraestrutura, indicando que o poder público precisa ter uma atitude mais proativa em relação às necessidades dos cidadãos, no que tange a asfaltamento adequado, hospitais melhores equipados, equipamentos de lazer etc.; e a terceira está associada à ideia de que as cidades são pequenas, portanto, são calmas, tranquilas, acolhedoras e com baixos índices de violência, ou seja, são seguras (Quadro 1). Essa representação, por sua vez, está imbuída de uma

concepção positiva de cidade, o que acaba por propiciar um sentimento de “bem-estar”, de satisfação em relação ao atendimento das necessidades básicas ou fundamentais oferecido por ela aos seus habitantes, da percepção de desfrutar de uma cidade com qualidade de vida.

Quadro 1- Representações da cidade onde moram por parte dos jovens do interior de Goiás (2012)

Cidades	Representações
Água Limpa	Cidade pequena, pacata, tranquila, pouco desenvolvida; sem opções de lazer; péssima, pois não tem nada para fazer a não ser estudar e trabalhar.~
Buriti Alegre	Cidade pequena, aconchegante e “parada no tempo”; mal governada e com pouco investimento na educação; não oferece opções de lazer para a população; carece de maiores oportunidades de emprego.
Caldas Novas	Cidade turística que tem foco apenas nos turistas e se esquece das necessidades da população local; apresenta crescimento significativo nos últimos anos, assim como um aumento da desigualdade socioeconômica; possui altos índices de violência; necessita de investimentos na infraestrutura por parte do poder público; carente de espaços culturais como teatro, por exemplo.
Cromínia	Cidade pequena, hospitaleira, sem opções de emprego; não oferece oportunidades para fazer concurso público.
Edealina	Cidade pequena, agradável, tranquila, boa para se viver; possui poucos índices de violência; falta de opções de lazer e oportunidade de emprego.
Goiatuba	Cidade pequena, sem perspectivas de crescimento; não oferece muitas oportunidades de emprego; possui boa referência na área da saúde, mas carece de melhor infraestrutura e áreas de lazer.
Maripotaba	Cidade tranquila e calma.
Morrinhos	Cidade tranquila, calma, pacata, organizada, agradável e boa para se morar; limpa/não muito limpa; possui pouca infraestrutura; apresenta baixos índices de violência; não possui atrativos/eventos culturais e espaços de lazer para os jovens e família se divertirem; portadora de aspectos históricos fascinantes, mas que não se preocupa em preservar os patrimônios históricos e as atividades culturais; falta uma administração pública responsável.
Piracanjuba	Cidade pequena, boa para viver/curtir a “sonhada” aposentadoria; pouco desenvolvida socioeconomicamente; não apresenta perspectivas de crescimento; é mal administrada e necessita de investimentos por parte do poder público; não possui empresas; não dispõe de opções de lazer.
Pontalina	Cidade bonita, tranquila, organizada; pouco desenvolvida; polo de moda íntima; não possui muitas oportunidades de estudo e de trabalho.
Prof. Jamil	Cidade pequena, com poucos habitantes, mas acolhedora e tranquila.
Rio Quente	Cidade pequena, cheia de maravilhas; faltam lugares de diversão com acesso 24h (diferente do Rio Quente Resorts).
Usina do Rochedo	Distrito tranquilo, com poucas opções de estudo, trabalho e lazer.

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Cabe sublinhar que essa percepção da cidade com qualidade de vida é resultado de uma visão construída pelos jovens ao compararem sua cidade com as cidades grandes, no que tange aos altos índices de violência, à poluição ambiental, aos problemas relacionados ao trânsito, ao fluxo de pessoas e mercadorias etc.

Tal percepção não compreende todos os elementos que possibilitem o alcance de uma qualidade de vida, uma vez que, segundo Vitte (2004, 2009, 2010), ao se reportar a ela é necessário considerar não só as políticas públicas, a disponibilização de equipamentos urbanos em ordenamento territorial de forma a atender às necessidades humanas objetivas, como também a sociabilidade, o convívio em comunidade e a participação na gestão da vida coletiva, que correspondem aos aspectos subjetivos.

Ao se buscar compreender com que frequência os jovens do interior de Goiás realizam e/ou frequentam atividades culturais e de lazer, verificou-se que as respostas relacionadas ao que nunca praticam são: jogar futebol (75,9%) (lembrando que a maioria dos sujeitos pesquisados são mulheres), ir ao teatro (69,5%), jogar *videogames* (54,6%), ir a museus/exposições (53,9%) (Tabela 3).

As respostas mais frequentes dadas por esses jovens em relação ao que praticam eventualmente são: ir a praças (70,2%), a shows musicais/concertos (67,4%), ao cinema (63,1%), ao *shopping center* (54,6%) e parques ambientais (53,2%). Em contrapartida, eles sempre ouvem música (81,6%), navegam na internet (78,7%), veem televisão (68,8%), encontram os amigos (61,7%), fazem leituras diversas (44,7%) e vão à igreja (39,7%) (Tabela 3).

Em se tratando da frequência das atividades realizadas pelos sujeitos da pesquisa, pode-se dizer, conforme Abramo (1994), que o lazer, além de ser considerado um espaço importante para o desenvolvimento das relações de sociabilidade entre os jovens, é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil, constitui-se como um espaço menos regulado e disciplinado que o da escola, do trabalho e da família, onde eles podem expressar seus desejos, aspirações e projetar outro modo de vida.

Desse modo, pode-se afirmar que os jovens, ao usar o seu tempo livre, vão demarcando territórios na cidade, por meio de suas práticas espaciais, e se tornando produtores do espaço urbano no qual vivem.

Tabela 3 - Frequência com que os jovens do interior de Goiás realizam e/ou frequentam atividades culturais e de lazer (2012)

Opções	Frequência			%		
	N	E	S	N	E	S
Não informado	-	-	-	-	-	-
Ir ao teatro	98	43	-	69,5	30,5	-
Ir ao circo	67	70	4	47,5	49,6	2,8
Jogar futebol	107	29	5	75,9	20,6	3,5
Museus/exposições	76	58	7	53,9	41,1	5,0
Ir a parques de diversão	64	67	10	45,4	47,5	7,1
Jogar <i>videogame</i>	77	54	10	54,6	38,3	7,1
Ir à praça	31	99	11	22,0	70,2	7,8
Ir ao cinema	39	89	13	27,7	63,1	9,2
Ir ao <i>shopping center</i>	49	77	15	34,8	54,6	10,6
Ir a shows musicais/concertos	24	95	22	17,0	67,4	15,6
Ir a parques ambientais	43	75	23	30,5	53,2	16,3
Festas/dança	28	86	27	19,9	61,0	19,1
Ir a bares	34	68	39	24,1	48,2	27,7
Ver filmes locados	17	73	51	12,1	51,8	36,2
Ir à igreja	13	72	56	9,2	51,1	39,7
Leituras	7	71	63	5,0	50,4	44,7
Encontrar os amigos	5	49	87	3,5	34,8	61,7
Ver televisão	-	44	97	-	31,2	68,8
Navegar na internet	-	30	111	-	21,3	78,7
Ouvir música	4	22	115	2,8	15,6	81,6

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Quando os jovens foram indagados sobre o que costumam fazer em seu tempo livre, uma análise dos dados revelou que, durante a semana, a maior parte do seu tempo livre é ocupada em atividades de rotina, como assistir televisão (27,7%), ajudar nas tarefas de casa (17,7%), ficar em casa navegando na internet (12,8%), sem fazer nada, à toa ou dormindo (10,6%). Todavia, no fim de semana os jovens destinam a maior parte do seu tempo a atividades de lazer fora de casa, como visitar amigos ou parentes (7,8%); namorar (7,8%); entre outros (Tabela 4).

Tabela 4- O que os jovens do interior de Goiás mais costumam fazer no seu tempo livre (2012)

Opções	Frequência			%		
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª
Não informado	-	-	-	-	-	-
Vai a bibliotecas	-	-	-	-	-	-
Faz cursos	-	8	3	-	-	2,1
Joga futebol	-	4	3	-	2,8	2,1
Pratica outros esportes	-	3	3	-	2,1	2,1
Toca instrumentos ou canta	-	1	2	-	0,7	1,4
Joga videogame	-	2	5	-	1,4	3,5
Joga fliperama/jogos eletrônicos – fora de casa	-	-	-	-	-	-
Lê revistas/jornal	1	2	5	0,7	1,4	3,5
Vai a uma lan house	1	-	1	0,7	-	0,7
Frequenta bares ou similares	1	4	4	0,7	2,8	2,8
Fica na rua, praças conversando com amigos e/ou fazendo atividades em espaços públicos	1	2	4	0,7	1,4	2,8
Vai ao cinema/teatro	2	1	-	1,4	-	-
Ouve rádio	4	10	7	2,8	7,1	5,0
Lê algum livro (que não seja para a universidade)	4	4	14	2,8	2,8	9,9
Fica em casa fazendo outras atividades	4	6	3	2,8	4,3	2,1
Outras atividades fora de casa	4	3	3	2,8	2,1	2,1
Namora	11	22	17	7,8	15,6	12,1
Visita amigos ou parentes	11	3	16	7,8	2,1	11,3
Fica em casa sem fazer nada, à toa ou dormindo	15	11	9	10,6	7,8	6,4
Fica em casa navegando na internet	18	20	13	12,8	14,2	9,2
Ajuda nas tarefas em casa	25	20	10	17,7	14,2	7,1
Assiste televisão	39	15	19	27,7	10,6	13,5
Total	141	141	141	100,0	100,0	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Diante disso, percebe-se que as práticas espaciais dos jovens entrevistados tornam-se restritas aos espaços mais imediatos de seu cotidiano, tais como a casa, a universidade, a casa de parentes etc., o que limita, também, a construção de territorialidades pelo espaço urbano de suas cidades.

Os dados apresentados demonstram que há pouca diversificação no uso do tempo livre por parte dos jovens, principalmente durante a semana. Isto se dá em razão de o cotidiano deles ser marcado pelo trabalho, pelo estudo noturno e por

obrigações com tarefas domésticas, o que equivale a dizer que os jovens se encontram privados de atividades de lazer, o que, por sua vez, dificulta e minimiza a possibilidade de eles circularem pela cidade, estabelecendo nela territorializações e a partir destas poder vivenciar plenamente sua condição juvenil. No entanto, pode-se dizer que essa não é a realidade que os jovens desejam, ainda que estejam submetidos a um sistema que regula sua vida e condiciona seus hábitos, comportamentos, atitudes e necessidades.

Mesmo que os jovens afirmem ter vontade de viajar (34,8%), praticar esporte (7,8%), estudar mais (7,8%), fazer cursos diversos (6,4%), entre outros (Tabela 5), pode-se verificar que alguns fatores, como a falta de tempo (50,4%) e de dinheiro (21,3%), impedem que eles realizem tais atividades e/ou práticas de lazer no tempo livre (Tabela 6).

No contexto deste texto, esses dois aspectos se tornam relevantes, pois evidenciam que os jovens entrevistados, quando praticam seu lazer, se limitam a realizar atividades que sejam menos onerosas e mais próximas aos seus locais de moradia ou trabalho, pois sua condição socioeconômica impede-os de circular pelos espaços da cidade com liberdade, de empreender territorializações por ela a partir dessa circulação, embora eles almejem fazê-lo.

Tabela 5 - Atividades que os jovens do interior de Goiás gostariam de realizar no tempo livre (2012)

Opções	Frequência	%
Não informado	14	9,9
Ir à biblioteca	1	0,7
Conhecer cidades históricas	2	1,4
Visitar parques	2	1,4
Ir ao cinema	2	1,4
Tempo	3	2,1
Descansar/dormir	4	2,8
Ir ao <i>shopping</i>	4	2,8
Ir ao teatro	4	2,8
Sair com os amigos	6	4,3
Fazer curso de língua estrangeira	7	5,0
Fazer cursos diversos	9	6,4
Estudar mais	11	7,8
Praticar esportes	11	7,8

Outros	12	8,5
Viajar	49	34,8
Total	141	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Tabela 6 - O que impede os jovens do interior de Goiás a realizarem atividades diversas e praticarem o lazer (2012)

Distância	Total	%
Não informado	2	1,4
Os pais não deixam	6	4,3
Outra(s). Qual(is)?	14	9,9
Faz tudo o que quer	18	12,8
Falta de dinheiro	30	21,3
Falta de tempo	71	50,4
Total	141	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

É importante observar ainda, com base na análise dos dados da Tabela 7, que mesmo que os jovens disponham de condições financeiras e tempo para o exercício de atividades de lazer e cultura no tempo livre, eles têm dificuldade de fazê-lo, uma vez que grande parte das suas cidades de origem não dispõe de equipamentos públicos, privados e/ou comunitários que lhes assegurem o direito ao lazer e à cultura e estimulem o acesso a outras possibilidades de uso do tempo livre.

Nesse contexto, dentre as várias atividades e/ou equipamentos apontados pelos jovens que faltam na sua cidade, das 181 citações, 28,2% delas correspondem ao *shopping center*, cinema (17,7%), boate, cursos de idiomas e profissionalizantes, floricultura, hipermercados, pizzaria, Previdência Social, Vapt Vupt, bares com shows ao vivo (13,3%), teatro (11,0%), entre outros (Tabela 7). Isso reforça, por sua vez, a premissa apontada anteriormente da falta de estrutura e de equipamentos de lazer, públicos ou privados, na maioria das cidades do interior do estado de Goiás.

Ao se relacionar este aspecto àqueles apontados anteriormente nas Tabelas 5 e 6 – as atividades que os jovens gostariam de realizar e os fatores que lhes impedem de fazê-lo –, fica evidente mais uma vez que os jovens de baixa renda têm dificuldades para usufruir e desfrutar de vários espaços da cidade, o que por sua vez dificulta ainda mais o estabelecimento e o desenvolvimento de territorializações

nesses espaços. Contudo, é preciso dizer que, apesar disso, esses jovens constroem suas territorialidades que são manifestadas por meio de suas territorializações, ainda que essas sejam transitórias e restritas a alguns lugares da cidade.

Tabela 7 - O que os jovens do interior de Goiás gostariam que tivesse na cidade onde moram (2012)

Opções	Frequência	%
Quadras de esporte/academia	4	2,2
Parque de diversão/fliperama	4	2,2
Livrarias	5	2,8
Não respondeu	6	3,3
Biblioteca	6	3,3
Universidade/outros cursos universitários	8	4,4
Museus	10	5,5
Indústrias/empresas (maiores opções de emprego)	11	6,1
Teatro	20	11,0
Outros (boate, cursos de idiomas e profissionalizantes, floricultura, hipermercados, pizzaria, Previdência Social, Vapt Vupt, bares com shows ao vivo etc.)	24	13,3
Cinema	32	17,7
Shopping	51	28,2
Total	181	100,0

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Nota: Como a pergunta era aberta, os jovens apontaram mais de uma atividade e/ou equipamentos, o que fez com que a frequência de respostas fosse maior que o total de sujeitos pesquisados.

Partindo do entendimento de que faltam atividades e/ou equipamentos nas cidades de origem dos jovens, buscou-se, então, identificar quais eram os lugares frequentados por eles na cidade e quais os motivos da escolha desses lugares. Com isso, os lugares que mais os jovens destacaram estão relacionados ao consumo de comida e bebida – restaurantes, bares, lanchonetes, pizzarias etc. (26,7%); praças (13,1%), lagos/parques (12,4%), igrejas (11,2%), cinemas (9,2%), outros lugares (6,4%), universidade (6,0%), casa de parentes e/ou amigos (4,8%) (Tabela 8).

As justificativas de escolha desses locais estão, na maioria das vezes, vinculadas à questão da sociabilidade, do estar junto aos seus pares, amigos e familiares, aproveitando seu tempo livre, se divertindo. Assim, esses jovens vão construindo suas redes de sociabilidade ao mesmo tempo em que vão delineando suas práticas espaciais e demarcando seus territórios nos espaços da cidade.

Contudo, é importante ressaltar que a relação que os jovens estabelecem com a cidade onde moram é de dependência e se dá pela carência de melhores oportunidades de trabalho, de serviços, de equipamentos urbanos, e de alternativas de locais e atividades para o uso do tempo livre. Isso, evidentemente, tem forjado um modelo de vida urbana, totalmente distinto do que os jovens idealizam, condicionando, dessa forma, os modos de vida desses sujeitos que estão cada vez mais reclusos em casa.

Tabela 8- Lugares da cidade que os jovens do interior de Goiás frequentam e por que frequentam esses lugares (2012)

Opções	Frequência	%	Justificativa
Cristo Redentor	6	2,4	Para observar o movimento da cidade.
Local de trabalho	6	2,4	Para trabalhar e ajudar no sustento da casa; porque não há outro lugar para frequentar no tempo livre.
Não informado	7	2,8	-
Clubes	7	2,8	Uma das poucas opções na cidade para se distrair.
Casa de parentes e/ou amigos	12	4,8	Para encontrar os amigos e familiares.
Universidade	15	6,0	Para estudar.
Outros (Rio Quente Resorts, locadoras de filmes, <i>lan house</i> , supermercado, fazenda, boate, academia, museu/biblioteca, quadra esportiva/campo de futebol, feiras livres etc.)	16	6,4	Para se divertir, descontrair e encontrar amigos; alugar filmes para ver em casa no final de semana; navegar na internet; comprar alimentos; visitar a família na zona rural; falta de opções de lazer; para praticar esportes, jogar/assistir futebol; para ter acesso à cultura/história da cidade onde mora; para passear/alimentar-se.
Cinema	23	9,2	Para lazer e diversão com a família e/ou amigos.
Igreja	28	11,2	Falta de opção de lazer; para encontrar os amigos; pela possibilidade de ter um convívio social com pessoas diversas.
Lagos/Parques	31	12,4	Falta de opções na cidade; lugar agradável e tranquilo; possibilidade de ter contato com a natureza; para encontrar, conversar e divertir com os amigos; para jogar peteca.
Praças	33	13,1	Falta de opção de lazer; ambiente agradável; para encontrar, conversar e divertir com os amigos; lugar mais movimentado da cidade e que possibilita conhecer outras pessoas.

Restaurantes, lanchonetes, bares, pit dogs, sorveteria, pizzarias, espetinhos etc.	67	26,7	Falta de opção de lazer; lugares agradáveis, onde se pode encontrar, conversar e divertir com os amigos, bem como fazer novas amizades; para curtidão, beber cerveja, “arejar” a mente; para almoçar/lanchar/jantar com os amigos/familiares.
Total	251	100,0	

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Nota: Como a pergunta era aberta, os jovens citaram mais de um lugar frequentado, o que fez com que a frequência de respostas fosse maior que o total de sujeitos pesquisados.

Em razão disso, bem como da falta de tempo e dinheiro (cf. Tabela 6), as experiências que os jovens desenvolvem a partir dos espaços de sociabilidade têm se restringido mais precisamente aos espaços institucionais, ligados à família, à universidade, ao trabalho, do que aos espaços menos estruturados. Logo, pode-se dizer que ambos os espaços concorrem conjuntamente para a formação da subjetividade dos jovens e também para a construção e manifestação de suas territorialidades, seja por meio da apropriação afetiva ou presencial desses lugares. Construir territórios e deles se apropriar envolve efetivamente relações espaciais e de sociabilidade entre os jovens e seus pares, pois ao empreendê-las os jovens se fazem também sujeitos produtores do espaço urbano no qual estão inseridos.

Dentre as esferas de sociabilidade, 51,1% dos jovens preferem estar com a família, 22% com o(a) namorado(a) e 18,4% com os amigos (Tabela 9). Interessa dizer que não existem grandes diferenças nos vínculos de sociabilidade entre os homens e as mulheres, apesar de, proporcionalmente, os homens apresentarem uma preferência por estar com os amigos e/ou namorada, enquanto as mulheres com a família.

Tabela 9 - Pessoas ou grupos sociais com que os jovens universitários do interior de Goiás gostam de estar com maior frequência (2012)

Opção	Frequência	%	Justificativa
Não informado	1	0,7	-
Outro(s)	4	2,8	-
Colegas da Universidade	7	5,0	Para conversar e trocar experiências
Amigos	26	18,4	Por ser do mesmo estilo que o meu; por compartilharem dos mesmos sonhos/ideais; por ter liberdade de conversar sobre diversos assuntos; considerados a segunda família; a convivência com

Namorado(a)	31	22,0	os mesmos possibilita esquecer um pouco do trabalho e dos problemas familiares. Para namorar/conversar/beijar.
Família	72	51,1	Por poder compartilhar alegrias/tristezas; pela segurança, tranquilidade e felicidade que proporcionam; além de ser a melhor companhia, são as pessoas mais importantes da sua vida; pela diversão que proporcionam quando estão juntos; porque não mora com eles.
Total	141	100,0	

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Tal constatação associa-se ao que dizem Dayrell (2007) e Turra Neto (2008), quando afirmam que a sociabilidade se constitui em uma dinâmica de relações que se dá cotidianamente, e que acontece preferencialmente nos espaços de lazer e diversão, mas não apenas neles. Ela também pode estar presente nos espaços institucionais, tais quais a família, a escola, o trabalho ou as igrejas.

A sociabilidade consiste, ainda, numa troca de experiência do jovem com seus pares, em um “estar junto”, que se dá em um determinado tempo e espaço, com distintos graus de aproximação afetiva nos quais se evidenciam os que são amigos e aqueles que são apenas colegas. A partir dela os jovens vão delineando seus circuitos espaciais pela cidade e tecendo suas territorialidades, demarcando, assim, seus territórios.

É importante destacar que o tempo e espaço são importantes para a efetivação da sociabilidade. Nesse sentido, a Geografia tem muito a contribuir para o entendimento dessa questão, pois os jovens, ao interagirem no espaço urbano de uma cidade para estabelecer e realizar suas redes de sociabilidade, transformam-no e dele se apropriam através das relações afetivas e de poder. Pode-se afirmar que é por meio delas que os jovens estabelecem territorialidades que se materializam na ocupação de determinados territórios (ainda que transitórios), de uma cidade, em um determinado período de tempo.

A importância da constituição das redes de sociabilidade para os jovens é reafirmada pela análise da Tabela 10. Ao escolherem seus locais preferidos na cidade, os jovens entrevistados destacaram: a casa (45,4%), os lagos/parques (15,6%), outros lugares (12,1%), as praças (10,6%) os bares/espetinhos (5,0%), entre outras opções. As respostas para as justificativas de escolha estão, da mesma forma que na análise

da Tabela 8, relacionadas ao tempo de lazer, do estar junto, do compartilhar, e se divertir com os amigos e familiares.

Em suma, as práticas espaciais cotidianas dos jovens resultam da busca pela satisfação das necessidades e desejos mais imediatos, o que propicia o encontro com pessoas e outros grupos juvenis, reforçando, assim, as redes de sociabilidade, a constituição da subjetividade e também de sua condição juvenil.

Tabela 10- Lugar preferido da cidade onde moram os jovens do interior de Goiás e as razões dessa preferência (2012)

Opções	Frequência	%	Justificativa
Cinema	4	2,8	Por gostar de ver filmes; pela possibilidade de relaxar/distrair e se divertir com os amigos e/ou família; local de entretenimento de baixo custo.
Igreja	5	3,5	Por se identificar com a religião e poder encontrar os amigos.
Não respondeu	7	5,0	-
Bares/espetinhos	7	5,0	Para encontrar, conversar e divertir com os amigos; por não tocar música sertaneja.
Praças	15	10,6	Lugar calmo/tranquilo; para encontrar os amigos no final de semana.
Outros (chácara/fazenda, academia, universidade, pizzaria, motel, sorveterias, parque de exposições agropecuárias, clubes etc.)	17	12,1	Para nadar, relaxar/distrair, descansar a mente e o corpo; para encontrar, conversar e se divertir com os amigos; para fazer atividades físicas; pela possibilidade de estudar e ter contato com profissionais qualificados; pela privacidade proporcionada; pela festa/música sertaneja; pela música e comida, que são boas.
Lago/parques	22	15,6	Lugar calmo/tranquilo e agradável; pela beleza da paisagem; pelo contato com a natureza, animais e pessoas; por possibilitar a prática de várias modalidades esportivas; para passear com a família e amigos.
Sua casa	64	45,4	Por falta de opções de lazer na cidade; por ser um lugar tranquilo para descansar, ser acolhedor e confortável; por se sentir à vontade e feliz; ponto de encontro da família; pela privacidade que proporciona; por não gostar muito de sair de casa.
Total	141	100,0	

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

Ao se indagar os jovens sobre a cidade em que gostariam de morar, foram destacadas exatamente as que possuem maior condição de oferecer atividades de

comércio, serviços (de educação e saúde), postos de trabalho e locais de lazer. As cidades mais citadas foram: Goiânia (32,7%); Morrinhos (7,2%); Uberlândia (5,2%); Caldas Novas e São Paulo (4,6%, cada uma). Há de se ressaltar, no entanto, que 11,1% das citações mostram que os jovens não pensam em mudar da sua cidade de origem (Tabela 11).

Tabela 11 - Cidades em que os jovens universitários do interior de Goiás gostariam morar (2012)

Opção	Frequência	%	Justificativa
Brasília- DF	5	3,3	Oferece maiores oportunidades de emprego, de crescimento profissional, bem como opções de lazer; por ser a cidade natal.
Catalão-GO	5	3,3	Cidade tranquila; por ser polo industrial e ter maiores oportunidades de emprego; possui universidade que oferta curso superior de interesse.
Outras cidades estrangeiras (Londres; Nova Zelândia; Paris; Lisboa; Tóquio)	7	4,6	Cidade bonita e que desperta curiosidade em conhecer/morar; para estudar; por causa do nível tecnológico da cidade; pela possibilidade de ter melhores condições de vida;
Caldas Novas-GO	7	4,6	Cidade natal de quase toda a família; cidade turística e com maiores opções de emprego; possui muitas opções de lazer e de divertimento para o jovem.
São Paulo-SP	7	4,6	Cidade grande que oferece muitas oportunidades de emprego; pela diversidade cultural e por não dar muita ênfase à música sertaneja; possui universidade que oferta curso superior de interesse, graduação em várias áreas do conhecimento e cursos de pós-graduação <i>lato e stricto sensu</i> .
Não informado	8	5,2	-
Uberlândia-MG	8	5,2	Cidade natal da família; oferece mais opções de lazer, emprego e estudo; possui universidade que oferta cursos de graduação em várias áreas do conhecimento.
Morrinhos-GO	11	7,2	Cidade tranquila e com boa infraestrutura; oferecer maiores oportunidades de emprego em relação à cidade onde mora; para reduzir o deslocamento diário que se faz para estudar na UEG; porque os melhores amigos moram nesta cidade.
A cidade em que mora	17	11,1	Cidade tranquila; porque tem planos para o futuro nessa cidade; por ter identidade com o lugar de vivência; pela qualidade de vida que uma cidade do interior proporciona.
Outras cidades brasileiras (Anápolis-GO; Belo Horizonte-MG; Cidade de Goiás-GO; Colinas-TO; Curitiba-PR; Florianópolis-SC; Gramado-RS; Guaíra-TO; Itumbiara- GO; Ouro Preto-MG, Parati-RJ; Pirenópolis-GO; Pontalina-GO; Porangatu-GO; Porto Seguro-BA; Rio de Janeiro-RJ; Rio Verde-GO; Salvador-BA; Uruaçu-GO)	28	18,3	Cidade grande, bonita, organizada, planejada; cidade pequena, tranquila e com grande circulação de pessoas e capital; oferece maiores oportunidades de emprego, de estudo; dispõe de opções de lazer e qualidade de vida etc.; lugar bonito, rústico, histórico, e com mais cultura; pelo fascínio em torno do patrimônio histórico dessa cidade; por ter anualmente eventos culturais; por ter praia; por ter clima frio; possui universidade que oferta curso de interesse; por ser a cidade natal.
Goiânia-GO	50	32,7	Por ser cidade grande, capital do Estado de Goiás, e pelo dinamismo; dispõe de maiores oportunidades de emprego e de estudo; possui equipamentos de lazer para passear/divertir com a família e/ou amigos; possibilidade de ter condições de vida melhor; bom local para se fazer compras no atacado e varejo; cidade natal; possui universidade que oferta curso superior de interesse.
Total	153	100,0	

Fonte: PIRES; PAULA (2012). Pesquisa de campo.

A possível melhora nos padrões de consumo e o acesso a direitos sociais (principalmente os relacionados a melhores oportunidades de trabalho, lazer, estudo e saúde) fazem parte das motivações dos jovens para migrar para outra cidade. Essa motivação, por sua vez, é regulada pelas trajetórias dos jovens e pelas necessidades/demandas criadas por eles e está condicionada pelo fato de, na visão deles, elas oferecerem melhores oportunidades de emprego, estudo, lazer, “bem-estar”, entre outros.

Paralelamente à busca de melhores condições de vida, observou-se que outros desejos são criados pelos jovens na tentativa de modificarem suas histórias de vida, como a possibilidade de ter acesso ao consumo; acumular recursos para comprar seja uma casa, um carro, uma moto etc.; bem como a substituição de determinados padrões de comportamento considerados “mais descolados”; investir em uma carreira profissional ou conseguir um bom trabalho etc. Enfim, esses jovens objetivam ampliar seus espaços de sociabilidade e construir novas territorialidades, as quais lhes permitam ainda desfrutar com maior intensidade dos espaços da cidade e também, e ao mesmo tempo, de sua própria juventude.

Considerações finais

Diante do que foi exposto no trabalho e utilizando-se das afirmações de Cassab (2010), de que os jovens pertencem a um espaço, o qual define o seu modo de existência e é condição da própria produção e da reprodução social, pode-se dizer que somente a partir do uso e apropriação desse espaço é que se dará a realização efetiva do direito à cidade e, assim, construir-se-á o sentido pleno da cidadania.

Nesse sentido, compreender que os jovens têm direito à cidade é um primeiro passo, pois, segundo Dayrell e Gomes (2009), os jovens não são considerados como sujeitos de direitos, e nem são foco das políticas públicas que garantam seu acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos de lazer, para que possam viver mais efetivamente a sua condição juvenil, uma fase de extrema importância na vida e formação desses sujeitos.

Vale ressaltar que, para viverem a sua condição juvenil de forma mais completa, além de precisarem de espaços para o lazer, os jovens buscam também melhores oportunidades de emprego para terem acesso ao consumo, a uma mudança de padrão de vida, à ampliação de sua capacidade de circulação pelos espaços da cidade etc. Numa visão de futuro, almejam ter acesso à educação – nesse caso,

cursos superiores em nível de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu* – e cursos profissionalizantes, pensando no exercício de uma profissão que lhes possibilite a tão almejada independência econômica e social.

Dentro desta visão, se faz necessário prever quais são as necessidades/reivindicações dos jovens junto à cidade, no que se refere aos bens e serviços essenciais à reprodução física e social dos indivíduos – moradia, saúde, educação, trabalho, previdência, equipamentos de lazer e atividades culturais. Mas como pensar a cidade e propor/executar políticas, programas e ações que possam propiciar esses direitos sociais dos jovens se, na maioria dos casos, não se conhecem esses sujeitos, suas características, seus comportamentos, suas aspirações, desejos e necessidades?

Pode-se dizer que uma das maneiras mais eficazes de se conseguir esse intento é conhecer quem são esses jovens que moram nas cidades do interior de Goiás (ou de outro estado do país), quais são as suas demandas e necessidades, para que, assim, se possa prever e oferecer a eles políticas públicas de acordo com seus anseios, suas carências e que lhes assegurem uma cidadania plena, além de lhes permitir acesso e circulação pelos espaços da cidade.

Contudo, para que isso se efetive, faz-se necessária a participação dos próprios jovens no processo de discussão e planejamento urbano, o que certamente contribuirá para melhorar a sua vivência cotidiana em sua cidade, além de lhes permitir o desempenho efetivo de seu papel como sujeitos produtores do espaço urbano no qual estão inseridos. Nesse contexto, as práticas espaciais, as redes de sociabilidade e territorialidades desses jovens devem ser consideradas, pois são elas que lhes propiciam conhecer e vivenciar plenamente sua cidade e sua condição juvenil, assim como o exercício e construção de sua cidadania.

Referências

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CASSAB, Clarice. Os jovens e a cidade: relações e representações. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan.-abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/228/184>>. Acesso em: 25 set. 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e formação para a participação em sua gestão. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 25, n. 24, p. 40-52, set.-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

_____. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2012.

_____; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil: questões e desafios. In: MATOS, Marlise; GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez (Org.). **Cidadania e a luta por direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais**. 1. ed. Belo Horizonte: DCP/FAFICH/UFMG, 2009, v. 5, p. 89-113. Disponível em: <http://www.cmjbh.com.br/arq_artigos/sesi%20juventude%20no%20brasil.pdf>. Acesso em: 27 set. 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unesp, Presidente Prudente, 2008.

VITTE, Claudete de Castro Silva. Cidade, cidadania e qualidade de vida. **BIS – Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo: Instituto de Saúde/Governo do Estado de São Paulo, n. 32, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.isaude.sp.gov.br/boletins/bis32.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012.

_____. A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade. In: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mexxomo (Org.). **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana**: discussões teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. Cidadania, qualidade de vida e produção do espaço urbano: desafios para a gestão urbana e para o enfrentamento da questão social. In: BAENINGER, Rosana (Org.). **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010.

Recebido em: 10/05/2013

Aceito para publicação em: 20/07/2013